
JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✱ 18 DE JULHO DE 2025

O TRADUTOR REBORN:



NÃO CHORA NEM COBRA

O TRADUTOR REBORN: NÃO CHORA NEM COBRA



Escrito por Andressa Gatto
contato@andressagatto.com

É tentador em todo debate resumir a discussão a uma dicotomia simplista. Se você é a favor de algo, você aceita aquilo em todos os seus mínimos detalhes. Já se você for contra, você deve radicalizar e sair por aí quebrando tudo em nome daquela discordância. Há quem faça isso, mas acreditamos que num debate entre profissionais civilizados e dotados de um mínimo de senso crítico, os termos para que o diálogo aconteça sejam mais sofisticados. Esse reducionismo binário, o do “ou tudo ou nada”, nos empobrece intelectualmente e elimina o espaço para a dúvida produtiva, que é onde o pensamento crítico de fato floresce. Ao apagar as zonas cinzentas, sufoca-se o debate maduro e plural. É ótimo que haja opiniões diversas, muitas até contribuindo para o amadurecimento das nossas próprias conclusões, mas uma coisa é fato: todo discurso é carregado de intenção, seja ela explícita ou implícita.

É por isso que, nesta edição, propomos uma análise crítica dos discursos que promovem o uso da Inteligência Artificial no mercado de tradução. Mais do que discutir a tecnologia em si, queremos refletir sobre a forma como ela vem sendo apresentada, legitimada e normalizada nos diferentes segmentos da área. Porque o modo como se fala de uma ferramenta diz muito sobre o que (e quem) ela pretende substituir.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



18 DE JULHO DE 2025

Não se enganem: por vivermos em um mundo capitalista, todos estamos preocupados com o nosso próprio bolso. Desde os profissionais que se sentem ameaçados em qualquer medida, passando por aqueles que se conformam com a “inevitável extinção” do nosso ofício, até chegarmos naqueles que agem como pessoa jurídica vendendo lenços para “nos ajudar no luto da adaptação” aos novos rumos da nossa carreira. De imediato, estamos todos preocupados em como vamos pagar nossas contas no fim do mês. Alguns de nós vamos além e nos preocupamos com os impactos ambientais, os limites éticos e a própria mudança de paradigma da experiência humana de vida para um futuro cada vez mais frio e robótico.

Então, quando esta que vos fala lê algum texto sobre IA, costumo sempre analisar quem é o autor. Quem ele representa? Quais são os interesses dele? O que ele vai ganhar ou perder defendendo um ou outro ponto de vista? Por que ele está falando aquilo? A quem ele se dirige? Enfim, faço todo um exercício de análise do discurso para, só então, escolher se devo levá-lo em consideração na hora de amadurecer minha opinião (a respeito de qualquer assunto, diga-se de passagem). Num mundo cada vez mais invadido pela pós-verdade, acho que é um caminho mais seguro a seguir. Ao menos por enquanto.

Esse tipo de vigilância não é exagero. É uma necessidade. Não são raros os textos que se apresentam como análises neutras e bem-informadas, mas que, ao serem examinados com mais atenção, revelam-se peças publicitárias travestidas de reflexão técnica. Muitos dos entusiastas da IA que vemos por aí estão, na verdade, vendendo um produto ou defendendo interesses corporativos. Não é à toa que a retórica é tão sedutora: ela precisa convencer, acalmar, fascinar. Tudo, menos problematizar.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM

✕ 18 DE JULHO DE 2025

É natural que as pessoas escolham evitar conflitos diretos e assumam uma postura aparentemente coerente e madura a respeito de um assunto que nos afeta tanto. Afinal, todos nós gostaríamos de manter o mercado do nosso lado, pois é ele quem paga as nossas contas.

O que tem me preocupado é que muitas pessoas insistem em simplesmente aceitar todo discurso como verdadeiro e válido, sem um mínimo de pensamento crítico, mas até que isso justifica a apatia frente à implementação de IAs como um todo. O discurso derrotista vem muito em cima disso. É mais fácil aceitar, deixar tudo na mão da tecnologia, não fazer nada a respeito para ao menos impor regras de proteção à nossa mão de obra, e nos deixar sendo engolidos por big techs (e outras não tão “big” assim) e seus interesses duvidosos. Dizer que a influência da IA na tradução é inevitável, que temos que tão somente nos adaptar a isso sem quaisquer exigências, adornar o discurso com frases de efeito saídas de um livro motivacional e reduzir quem expõe as falhas e as diversas implicações éticas e profissionais em torno disso a um chilique de meia dúzia de pessoas despreparadas é, acima de tudo, de um nível de resiliência invejável.

Apesar disso, gosto de dar o benefício da dúvida. Em uma das minhas interações on-line a esse respeito, uma pessoa comentou o seguinte: “Não adianta a gente querer se rebelar, é um caminho sem volta. Tem que aprender a usar (a IA) a seu favor.” Senão vejamos...



JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



18 DE JULHO DE 2025

Primeiro, aqui temos aquela visão dicotômica a que me referi no começo desta edição. Se você argumenta contra uma coisa, você é radicalmente contra tudo, sem o menor critério, e quer sair quebrando tudo. Ainda que haja quem pense dessa forma, espero que eu não tenha passado a impressão de fazer parte de um grupo de pessoas irracionais. Aqui, argumentamos a favor de encarar a IA como o que ela realmente é, não como o que estão vendendo que ela seja. Dessa forma, somos a favor da regulação do uso responsável da IA como uma ferramenta, que é o que de fato ela é. Uma ferramenta de simulação de uma linguagem muito próxima à linguagem humana. E só. Não é uma ferramenta confiável para pesquisa. Não é uma inteligência. Não substitui profissionais em geral (inclusive, se utilizada de forma irresponsável, pode até causar uma fatalidade). Não há propaganda nem vídeo engraçadinho que consiga escamotear ou relativizar isso.

E, não se enganem, não estou sozinha nessas conclusões. Elas ecoam do discurso dos próprios profissionais que trabalham nessa área e que participaram do processo de criação desses modelos de linguagem. Todos com quem conversei são unânimes em concordar com o argumento de que há um apelo midiático em torno do uso da ferramenta como algo muito superior ao que ela realmente é. Ser a favor da IA é lucrativo. Vender IA rende. É mais fácil seguir o bonde, e isso nos garante o contrato com nossos clientes mais ávidos pela novidade do momento.

Um outro ponto relacionado ao que a pessoa comentou na interação on-line: ainda que eu não queira sair quebrando tudo, as grandes revoluções só aconteceram porque um grupo se reuniu com um objetivo em comum e foi do luto à luta, ao menos para estabelecer limites e providências muito bem-definidas. Sei que é estranho falar que hoje temos melhores condições de trabalho, quando nosso mercado está cada vez mais precarizado. Mas a verdade é que, em comparação a uma época sem jornada de trabalho e outros direitos, por exemplo, creio que nós tenhamos evoluído em alguma medida.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



18 DE JULHO DE 2025

Além disso, já argumentamos por aqui que o mercado sempre desmereceu a importância do ofício do tradutor e agora simplesmente encontrou a desculpa perfeita para reduzir nossas tarifas e/ou substituir nossa mão de obra, em detrimento da qualidade do produto final. É compreensível que queiram experimentar a IA como ferramenta para agilizar os processos dos clientes, ainda que eu tenha minhas reservas, e que isso não tenha funcionado na minha rotina de trabalho. O que é inaceitável (e todo profissional deveria concordar com o que segue) é que estão aplicando descontos a nossas tarifas em virtude do uso dessas tecnologias.

Até onde sei, apesar dos esforços, a evolução tecnológica jamais foi motivo suficiente para justificar a redução de tarifas. Nem mesmo com o advento do Google Translator (a primeira “ameaça” que presenciei na minha trajetória profissional) isso se consolidou. Em alguns contextos, como no uso das MTs na tradução técnica, houve descontos nos “100% matches”, mas nada que tenha abalado significativamente a resistência dos profissionais. Eles continuam aí, talvez com menos trabalho, mas firmes e ativos.

Se o mercado insiste em usar ferramentas que simulam a linguagem humana para traduzir ou revisar conteúdos diversos, sem a devida preocupação com o impacto ambiental, a qualidade final, a ética ou a confidencialidade, tudo bem. Mas reduzir as tarifas dos profissionais que dão acabamento humano a esses textos é algo que não deveria ser tolerado. Manipular um texto “traduzido” por máquina para transformá-lo em um produto final de qualidade exige atenção redobrada e muita experiência. Já discutimos isso, inclusive com exemplos claros de erros que só evidenciam a importância do olhar humano.

JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



18 DE JULHO DE 2025

É importante lembrar que essa ânsia por soluções tecnológicas tem nome. O pesquisador Evgeny Morozov chama de *“solutionism”* a tendência de tratar problemas complexos como se fossem facilmente solucionados por ferramentas digitais. Esse pensamento ignora as nuances humanas, simplifica questões estruturais e vende como progresso o que, muitas vezes, não passa de corte de custos disfarçado de inovação. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de reconhecer seus limites: ela não substitui o discernimento humano nem resolve, por si só, os desafios reais do nosso ofício.

Falando em novas configurações profissionais, encontrei algumas nomenclaturas curiosas que circulam por aí. “Pós-editor” parece coerente e até autoexplicativo: o tradutor vira alguém que corrige os erros da máquina. Erros esses que talvez não existissem se contratassem — pasmem! — tradutores humanos. Tudo bem, desde que o pagamento continue justo, podem me chamar até de Maria Antonieta.

Outro título que chamou minha atenção foi “curador de conteúdo linguístico”. Basicamente, você alimenta o “leão” da IA para, em breve, ele ser solto faminto na sua direção. O tradutor “ensina” a IA a traduzir certos materiais, para que, num futuro próximo, o cliente sequer precise contratar humanos. Não é muito diferente do conceito das MTs com a diferença de que, nesses casos, os clientes descontam os 100% matches, mas ainda contam com profissionais, porque sabem que a máquina é só uma ferramenta. A IA, por outro lado, cortaria custos com a mão de obra, simples assim.



JORNAL DA GATTO

VOL. 1, Nº 4



WWW.ANDRESSAGATTO.COM



18 DE JULHO DE 2025

E quanto ao mito de que a IA “aprende” e “melhora com o tempo”? Isso só acontecerá se permitirmos. Se todos cruzássemos os braços para defender o que temos hoje (da forma mais educada, madura e profissional que pudéssemos), essa moda passaria tão rápido quanto o frenesi dos bebês reborn. Infelizmente, o hype da IA é bancado por empresas com tanto dinheiro que mal conseguimos dimensionar, e não por uma simples nostalgia ou afeto por bonecos.

A IA, assim como os bebês reborn, impressiona à primeira vista. É silenciosa, não reclama, não adoece, não exige melhores condições de trabalho. Está sempre disponível, sempre “fofa”, pronta para ser exibida. Mas, no fim das contas, é só um simulacro, feito para parecer vivo, mas incapaz de crescer, aprender com afeto, dar colo ou pedir socorro. Pode ocupar lugar no berço, mas não substitui o vínculo. E quando a novidade passar, talvez nos perguntemos se não teria sido melhor ter investido em cuidar de quem é de verdade.

